

Resumos / Abstracts

Em busca da alma no *Banquete*

Giovanni Casertano

Contrariamente ao que acontece noutros diálogos, onde há uma descrição de “o que é a alma”, no *Banquete* nada disso acontece. Naturalmente, a alma não está ausente do diálogo, aparece em todos os discursos, mas como um simples “nome”, que reenvia para algo conhecido de todos, sobre o qual não é preciso demorar-se. Quanto ao tema da alma, comparando o diálogo a uma sinfonia, diríamos que escutamos uma série de cinco tempos em crescendo, nos quais o mesmo tema é tocado em claves diferentes, discursos diferentes num “recitado” *punctum contra punctum*, que representam cada um a negação e a continuação do anterior, numa ampliação do horizonte sinfónico que prepara a sua acme, num largo maestoso, constituído pelo discurso de Sócrates/Diotima. Conclui a sinfonia/banquete, uma retomada presto agitato do tema: o discurso de Alcibíades. Assim, esta sinfonia polifónica abre uma perspectiva fundamental para compreender o problema da alma no pensamento platónico.

Trolley Cases and Autonomy Violation

William Simkulet

In this essay I argue that traditional solutions to the trolley problem, named for a series of cases made infamous by Philippa Foot and Judith Jarvis Thomson, fail and offer a new solution. The problem is that we seem to have conflicting intuitions in cases which are *prima facie* analytically similar, traditionally cases where we have to choose between the life of one or five people. Recently Thomson has argued that our intuitions in some of these cases are wrong; I argue she fails to show this. Then I argue that the most popular attempt to explain the existence of this distinction, the doctrine of double effect, is false. I argue that what makes the difference in these cases is whether or not acting or refraining would be an autonomy violation.

John Mikhail on Moral Intuitions **Florian Demont**

John Mikhail's moral psychology is an interesting contribution to philosophical debates surrounding the nature of normativity and moral and legal judgement. The paper initially focuses on Mikhail's metaethical assumptions and how they are combined with the Chomskian framework of his moral theory. Particularly the computational processes which are supposed to generate oughts will be scrutinised. It is then argued that – apart from three other issues – Mikhail does not provide a satisfactory answer to the is-ought problem.

De Leibniz a Hegel: Força, Lei e Infinitude na *Fenomenologia do Espírito* **Bernardo Enes Dias**

Apesar do relativo esquecimento a que foi votada por parte da mais recente *Hegelforschung*, a argumentação desenvolvida no terceiro capítulo da *Fenomenologia do Espírito* representa um dos momentos mais interessantes de toda a progressão fenomenológica. O que está em causa na crítica hegeliana às noções de lei e força é nada menos que uma denúncia da defectividade intrínseca de todo o pensamento científico convencional, assente numa estrutura de dedução matemática que não consegue ir além de uma mera remissão à igualdade. E a riqueza dessa denúncia, encoberta pela complexidade algo labiríntica do texto, só pode ser apreendida à luz de um retrato histórico mais vasto, que abarque a revolução dialéctica iniciada por Leibniz, o seu contributo para o projecto crítico kantiano e a sua inclusão no empreendimento fenomenológico hegeliano.

Fabulosas raças de humanóides: monstros e robôs. A robótica humanóide e a captura da intencionalidade **Porfírio Silva**

Este texto discute as perspectivas da Robótica Humanóide no quadro historicamente alargado das visões humanas acerca dos humanóides. As crenças ocidentais nas raças fabulosas do Oriente, bem como aspectos da crise dessas crenças por ocasião dos Descobrimentos dos séculos XV e XVI, são usadas para iluminar o significado mais profundo de aspectos recentes desta linha de investigação em Nova Robótica. É proposto que a dinâmica profunda dessa Robótica passa pelo que designamos como captura da postura intencional.

Genuine Becoming and the Barcan Formula

Emiliano Boccardi

Presentism, the doctrine that, necessarily, only presently existing entities are real, is widely thought to be the only ontology compatible with a coherent dynamical picture of the passage of time. This paper contains an argument to the contrary. Presentists, it is argued, are faced with a dilemma: either (1) they acknowledge that their account of change is not consistent (perhaps embracing some form of dialetheism), or (2) they give up the idea of using their conception of change as the foundation for their account of passage.

